

## XXVI Domingo do Tempo Comum

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

O Povo da Antiga Aliança foi constituído como tal pelas 12 tribos de Israel. Reunidos por Moisés no deserto, e por mãos deste, recebendo as Taboas da Lei, tornaram-se o Povo eleito de Deus.

Jesus inaugura, após seu batismo no Jordão, o Novo Israel, que o chama de Reino de Deus.

Dentre seus seguidores, escolheu 12 homens, que os chamará de Apóstolos, isto é, enviados. Doravante, o Povo escolhido por Deus não será mais os filhos de Israel, mas aqueles que tinham recebido o Batismo; não mais os circuncidados, mas os ungidos pelo Espírito Santo, que os Apóstolos receberam no dia da Ressurreição do Senhor.

Entretanto, o ensinamento de Jesus aos Príncipes dos Sacerdotes e aos Anciãos do povo era, exatamente, questioná-los sobre a pertença aos filhos de Abraão. Não basta ser filho da promessa para ter a salvação garantida. Faz-se mister cumprir a vontade do Pai, isto é, viver seus mandamentos.

Para ser mais compreensivo, como sempre o fez, Jesus relata uma parábola fácil compreensão: os dois filhos que são chamados pelo pai para trabalhar na vinha.

Um deles, sem coragem de enfrentar o pai, fica em sua boa intenção. Diz que vai e não vai. O outro expressa seu desejo com sinceridade: “Não quero!”; mas acaba obedecendo à ordem.

Portanto, cumprir a vontade de Deus é realizar obras, praticar seu ensinamento, viver os mandamentos, e não apenas aceitá-los teoricamente.

No Novo Israel, a Igreja, também não basta ser batizado para ser cidadão da Jerusalém do Alto. Igualmente se requer a vivência do mandamento novo do Senhor, que se resume no amor a Deus e ao próximo.

O profeta Ezequiel já tinha advertido a Casa de Israel dizendo: é preciso optar pelo bem. E São Paulo aos filipenses dirá a mesma coisa: *“ter os mesmos sentimentos de Cristo”*.

Boa intenção em obedecer a Deus, em praticar seus mandamentos ainda não é suficiente para usufruir a salvação que já temos em penhor pelo sacrifício do Cristo na cruz. Diz um ditado popular: *“De boa intenção o inferno está cheio”*.

Para nós cristãos, não basta celebrar a fé, manter piedades e devoções, estudar teologia se não colocamos em prática o Evangelho.

Há na Igreja um axioma, que repetimos muitas vezes: *“Lex Orandi, Lex Credendi*. Podemos ampliá-lo: *Lex Orandi, Lex Credendi; Lex credendi, Lex Vivendi*. Dirá São Tiago: *“Sem obras, a fé é morta!”*

Temos constatado a diminuição em número dos cristãos (católicos) neste nosso mundo secularizado e sem Deus. Devemos nos preocupar, pois uma das ordens do Senhor é *“fazer todos os povos meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”*. Dizer que o importante é qualidade e não quantidade é muito ambíguo e perigoso.

Com as melhores das boas intenções, para aumentar em número os filhos de Deus, muitas vezes nos especializamos em marketing, escrevemos documentos oficiais e artigos inúmeros. Procuramos, sempre mais, realizar a mais eficaz

inculturação do Evangelho num mundo secular, escrevemos textos bíblicos e litúrgicos na linguagem mais popular possível para uma melhor compreensão da mensagem do Salvador, etc. Tudo isso poderá ser bom e até necessário, mas não basta.

O Reino de Deus se dilatará, desejo do Cristo, se seus membros transformarem em vida o que pregam e celebram. Falta de autenticidade e coerência repugna as pessoas inteligentes e de boa vontade, que buscam seriedade de vida.

Quem faz a Igreja crescer em número, porque a faz crescer em qualidade são os santos. São os pneumatikós (possuídos pelo Espírito Santo), pois vivem, enquanto a natureza lhes permite, a Boa Nova anunciada por Jesus. Esses homens e mulheres arrastam multidões! A história é prova dessa realidade.

A Eucaristia que celebramos e partilhamos sobre o altar, penhor de vida eterna, não seja banalizada por nós filhos de Deus pelo sacramento do Batismo, que ostentamos a todos e ao Senhor: “desejamos trabalhar na vinha”, mas dela fugimos com insustentáveis desculpas e delongas.

Que o Senhor nos ajude!

Assim seja.